

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/329797012>

Pressupostos indispensáveis ao diálogo do Freudismo com o direito da família

Chapter · December 2018

CITATIONS

0

READS

6

3 authors:



José Euclimar Xavier de Menezes
Universidade Salvador

104 PUBLICATIONS 2,245 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Cristina Costa Lobo
Portugalense University

115 PUBLICATIONS 300 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Ana Campina
Portugalense University

41 PUBLICATIONS 1 CITATION

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Altas Habilidades e Excelência [View project](#)



Education for human riights [View project](#)

FAMÍLIAS E DIREITOS NO CONTEXTO SOCIOJURÍDICO DA ATUALIDADE

ORGANIZADORES:

HILDA LEDOUX VARGAS

KAMILA ASSIS DE ABREU

RODOLFO PAMPLONA FILHO

VANESSA RIBEIRO SIMON CAVALCANTI



CEALA

Os matizes da vida social, política, familiar e laboral-cotidiana trazem inúmeras abordagens e análises importantes, sinalizando miradas interdisciplinares. Para além de categorias, *locus* e contextos em tempo presente, conectam-se a partir da complexidade de suas relações e ocupam dimensão acadêmica através de investigações avançadas. Tendo como finalidade última trazer nuances das pesquisas sobre famílias e direito, baseados em estudos multireferenciados cuja temática e resultados podem ser observados na produção compartilhada, essa obra composta por pesquisadoras/es assinala interfaces entre relações familiares, ordenamento jurídico e promoção de direitos humanos.

A temática exige um olhar inter/transdisciplinar e um recorte que contemple Sociologia, Política e Humanidades, além do próprio direito de família e do campo dos Direitos Humanos, políticas públicas e subjetividades na esfera doméstico-privada. Com essa perspectiva, o livro está constituído de contributos à reflexão, análise e caracterização das mudanças e de expressões dos sistemas e das configurações atuais. Coaduna-se a esse fenômeno o ritmo vertiginoso das mudanças jurídico-institucionais, bem como sociais que se refletem na organização e na convivência social e familiar.

São autores(as) e coautores(as) desta publicação:

Ana Claudia Campina	José Euclimar Xavier de Menezes
Antonio Carlos da Silva	Kamila Assis de Abreu
Belmiro Vivaldo Santana Fernandes	Liliane Nunes Mendes Lopes
Camilo de Lelis Colani Barbosa	Lúcia Vaz de Campos Moreira
Carmela Dell'Isola	Marco Ribeiro Henriques
Cristina Costa-Lobo	Marianna Chaves
Érica S. Barros de Oliveira Nery Rodrigues	Marie Ubirayara Kichise Pedra
Fabiana Neiva Almeida Lino	Renata Simões Malaquias Rodrigues
Fernanda Leão Barreto	Rodolfo Pamplona Filho
Gilca Oliveira Carrera	Rodrigo Ribeiro Guerra
Hilda Ledoux Vargas	Thais Novaes Cavalcanti
Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima	Ulisses Campos de Araújo
Jânio Andrade	Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-68928-06-6



9 788568 928066

Hilda Ledoux Vargas
Kamila Assis de Abreu
Rodolfo Pamplona Filho
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Organizadores

FAMÍLIAS E DIREITOS NO CONTEXTO SOCIOJURÍDICO DA ATUALIDADE



Salvador | 2018

Copyright © by

Ana Campina
Antonio Silva
Belmiro Fernandes
Camilo Barbosa
Carmela Dell'Isola
Cristina Costa-Lobo
Érica Rodrigues
Fabiana Lino
Fernanda Barreto
Gilca Carrera
Hilda Vargas
Isabel Lima
Jânio Andrade

José Menezes
Kamila Abreu
Liliane Lopes
Lúcia Moreira
Marco Henriques
Marianna Chaves
Marie Pedra
Renata Rodrigues
Rodolfo Filho
Rodrigo Guerra
Thais Cavalcanti
Ulisses Araújo
Vanessa Cavalcanti

Edição:

Rilton Gonçalves Bonfim Primo
Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África (Ceala)

Revisão Técnica:

Daiane Maria Pires e Silva

Projeto Gráfico da Capa:

Caroline de Almeida Santos

Livre reprodução parcial, sem fins lucrativos, desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F198 Famílias e direitos no contexto sociojurídico da atualidade / Organizado por Hilda Ledoux Vargas [...] [et al.]; editado por: Rilton Primo; projeto gráfico da capa realizado por Caroline Santos. Salvador: Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África – CEALA, 2019. 411 p.; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-68928-07-3 (2018) (ebook)

1. Direito de família – Aspectos sociais. 2. Sociedade civil – Família. I. Vargas, Hilda Ledoux (org.). II. Campina, Ana Claudia [...] (et al.). III. Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África – CEALA. IV. Título.

CDD – 346.015

Ficha Catalográfica elaborada por Flávia Bulhões de Sousa CRB-5/1484.

**PARTE I - FAMÍLIA EM FOCO:
INTERDISCIPLINARIDADE E MUDANÇAS
SOCIAIS**

PRESSUPOSTOS INDISPENSÁVEIS AO DIÁLOGO DO FREUDISMO COM O DIREITO DE FAMÍLIA

José Euclimar Xavier de Menezes¹

Hilda Ledoux Vargas²

Cristina Costa-Lobo³

Ana Claudia Campina⁴

Luciene S. Figueiredo⁵

É crescente no *estado da arte* da psicanálise e do direito a constatação do quanto intenso é o afeto que experimentamos quando desenvolvemos vínculos de pertencimento no âmbito de uma família⁶. Particularmente

-
- ¹. Docente e pesquisador dos Programas de Stricto Sensu/Unifacs: 1. *Direito, governança e política públicas*; 2. *Desenvolvimento regional e urbano*. Membro do Comitê de ética/Unifacs. Coordenador do Programa de Pós Doutorado entre UNIFACS e UPT/Porto/Portugal. Atua igualmente na Faculdade Social da Bahia como docente e pesquisador, onde coordena Pesquisa e é editor da Revista Diálogos Possíveis/CAPEs-Webqualis. Dentre outros, autor de *Médicos e loucos no microscópio de Foucault*, Ed. CRV/2016.
 - ². Graduada em Direito, especialista, Mestre e doutora em Família na Sociedade Contemporânea, pela Universidade Católica do Salvador/UCSAL, professora adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana/Bahia; coordenadora do curso de Direito da Faculdade Anísio Teixeira, em Feira de Santana/Ba; presidente da Comissão de Estudos Jurídicos da Ordem dos Advogados do Brasil/OAB, subseção de Feira de Santana/Ba, pesquisadora integrante do grupo de pesquisa Políticas e epistemes da cidadania/CNPq/Unifacs.
 - ³. Mestre e Doutora em Psicologia/Universidade do Minho; Leitora da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Investigadora do GICAD, Grupo de Investigação sobre Cognição, Aprendizagem e Desempenho; Membro da REINEVA/Rede Internacional de Investigação, Intervenção e Avaliação nas Altas Capacidades Intelectuais; Investigadora coordenadora do grupo de investigação Desenvolvimento vocacional e de carreira do Portugalense Institute for Human Development; Membro do Conselho Científico da Universidade Portugalense; Coordena o Mestrado de Educação Especial da Universidade Portugalense; Diretora do Departamento de Psicologia e Educação da Universidade Portugalense.
 - ⁴. Doutora em Direitos Humanos/Universidade de Salamanca; Leitora da Cátedra da UNESCO para a Juventude, Educação e Sociedade; Docente da Universidade Portugalense/Porto; Investigadora do Instituto Jurídico Portugalense; Coordenadora Técnica do Pós Doutorado UPT/UNIFACS.
 - ⁵. Psicóloga, Administradora de Empresas, Mestre/Universidade Católica do Salvador; Doutoranda (Pesquisa Sanduíche/Universidade do Porto); Integrante do Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos/CNPq; Docente Universitária e Psicóloga.
 - ⁶. BRAGA, Julio Cezar de Oliveira. Do interesse da psicanálise para o direito na contemporaneidade. In: *Estudos Contemporâneos da Subjetividade* - ECOS, v. 3, n. 1, 2003, p. 143 – 151; CALDERÓN, Ricardo Lucas. Princípio da afetividade no

intensos são esses afetos quando vividos nos rearranjos familiares possíveis no presente, caracterizados por configurações múltiplas desenhadas a partir dos impactos sociais dos tempos que correm. O que efetiva e afetivamente garante a coesão familiar nos novos arranjos ocorridos sem a presidência do lastro biológico?

Ao perseguir essa questão, a lupa recai sobre um detalhe da constituição da subjetividade: são sobremaneira intensos os afetos quando envolvidos em uma situação adotiva, aqui compreendida no sentido mais largo. É que a família aqui não é tomada como um fato natural. Positivamente falando, é um fato social. Quer dizer, não vive o seu movimento gregário obedecendo às leis naturais. Antes, ordena-se a partir de demandas construídas no ambiente de uma intimidade que transgride a ordem da necessidade.

O exame que propomos deste detalhe provocativo apresentado neste inquietante e estimulante ensaio interdisciplinar tem ancoragem na teoria psicanalítica. É a partir dela que realizamos o movimento de pensar o ordenamento subjetivo que, na gênese da organização cidadã ocupa o primeiro plano. Mais especificamente, a partir do freudismo. Ele ensina que a mãe adota o filho, mesmo que este carregue seu DNA. Ele ensina igualmente que o filho adota a mãe, mesmo que dela tenha se nutrido pelo cordão umbilical. Ele oferece com extrema acuidade a observação de que o pai, ambigualmente acolhido pelo bebê, torna-se pai, no sentido em que mesmo sendo o fornecedor do sêmen no momento da fecundação, há que se tornar pai num processo razoavelmente longo de vinculação. Faz-se pai à medida que vivencia o dramático estabelecimento de vínculo, em cuja relação cumpre uma função determinante na ordem psíquica.

A psicanálise sustenta o afeto como uma categoria capaz de estabelecimento do vínculo entre os seres humanos. Claro que somos mamíferos. Mas isso nos dota de animalidade. Evidente que somos dependentes – a natureza nos dotou de uma extrema e longa fase de fragilidade para dar conta das próprias demandas: carecemos fortemente dos cuidados dos adultos. Mas curiosamente, é a guisa desta dependência que estabelecemos as relações de afeto que nos constituem durante toda a vida. Mesmo que os personagens paterno-biológicos não estejam lá, nos

direito de família. In: *Revista Brasileira de Direito das Famílias e Sucessões*. Ano XV, v. 35, ago/set. 2013. Porto Alegre: Magister, p. 129-141; FERREIRA, Breezy Myazato Vizeu, ESPOLADOR, Rita de Cássia Resquetti Tarifa. O papel do afeto na formação das famílias recompostas no Brasil. In: DIAS, Maria Berenice, BASTOS, Eliene Ferreira, MORAES, Naime Márcio Martins (coords.). *Afeto e estruturas familiares*. Belo Horizonte: Del Rey, 2010, p. 103- 118; ZIMERMANN, David; COLTRO, Antônio Carlos Mathias. (coord.) *Aspectos psicológicos na prática jurídica*. Campinas: Millennium, 2002, p. 303-317; GROENINGA, Giselle Câmara; PEREIRA, Rodrigo da Cunha (Coord.). *Direito de Família e Psicanálise: Rumo a uma Nova Epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003; IMBASCIATI, A. (1998) *Afeto e representação*. São Paulo: Editora 34; VIEIRA, M. A. (2001) *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

primórdios de uma biografia, o bebê é capaz de estabelecimento de vínculo de afeto por seu substituto. E em estando os genitores, igualmente o recurso ao afeto como mecanismo de estabelecimento do vínculo é um imperativo.

Em termos mais simples: o afeto está na base das relações humanas as mais elementares. É, por assim dizer, uma categoria conceitual elaborada no âmbito da psicologia, muito útil para entender o modo pelo qual o sujeito estabelece suas relações primárias.

Neste sentido preciso, até mesmo o parentesco constituído pela dimensão biológica demanda esse investimento de afeto. O bebê precisa reconhecer e acolher seus pais como seus pais. E vice-versa. Tese eminentemente psicanalítica que pede demonstração. Um encaminhamento possível reside no esforço em Freud retomar inúmeras vezes o ato primordial de o mamífero humano se humanizar. Desafio a que propomos enfrentar aqui, dado que, no campo jurídico, vários autores têm se dedicado à exaustão ao tema.

O foco deste ensaio residirá nas ações psíquicas que ocorrem quando mãe e pai limpam o bebê, trocam sua fralda, dão-lhe a mamadeira, acodem-no nos momentos de febre, ninam quando no meio da noite o filhote cobra a presença de um dos cuidadores para sanar suas carências. No bojo dessas ações conaturais habita o afeto cumprindo uma função de ir plasmando um sujeito.

Neste espaço reflexivo, a relação triangular pai-mãe-bebê é focada a partir da imaginação do que percebe o bebê quando recebe os cuidados elementares dos seus cuidadores, os mais relevantes de sua vida, acorde a crença freudiana sobre a importância dos pais no seu ordenamento psíquico.

Como o bebê percebe os cuidados dos seus pais? As tensões inerentes ao cuidar, cujas ações parecem demorar frente ao pânico do bebê imerso em seu desconforto, as carências que se impõem imperativamente como a fome, o sono, o incômodo da excreção, a catatônica movimentação física reveladora de uma descoordenação motora, etc., nesse conjunto de demandas às quais somente um adulto, do exterior, pode acudir, como são registrados pelo bebê, em seu sistema de memória, a presença deste que acode? E como o bebê experimenta as contradições afetivas implicadas na sua condição de carente para com este que sana sua carência?

Na delimitação bem modesta deste trabalho refletimos acerca da gênese do ordenamento subjetivo quando das vivências do afeto, acorde às proposições da psicanálise.

Um problema quase impeditivo desse esforço para pensar em voz alta é o fato perturbador de que ao próprio bebê é impossível enunciar sobre sua percepção ao ser cuidado. Entenda-se: o problema é dos ensaístas. Somos nós que, leitores de um autor já *arcaico* (muitos tomam isto como um adjetivo *demodè*. Nós, invés, o lemos no sentido mesmo da arqueologia[...]), desejamos nos esgueirar por entre perguntas e respostas para entender o silêncio eloquente do bebê, a fim de acompanhar o *cogitans* de Freud sobre a matéria. O que enunciaria este silêncio, antes mesmo do domínio pleno da linguagem?

Para começo de conversa declaramos, conforme recomenda a metodologia, aquilo que orienta nosso olhar para trabalhar com esse tema tão delicado: o referente teórico aqui é o freudismo. E o *modus faciendi* deste trabalho pode ser nomeado de “debulhagem dos grãos”. Buscaremos, neste espaço, reconstituir uma rede teórica que nos ajuda a pensar a organização afetiva do sujeito a partir de suas relações entabuladas desde o colo, forjadas sob o imperativo de necessidades vitais. Nossa lupa recai sobre o ato de alimentar a criança, particularmente através da amamentação. No nosso roteiro de reflexão levamos em conta a *teoria do prazer/desprazer* proposta por Freud, concebida a partir da descrição da amamentação.

O binômio prazer e desprazer habita o centro da teoria psicanalítica. E o prazer oral é considerado o núcleo do desenvolvimento da personalidade. Esse elemento é descrito em pormenor por LAPLANCHE no seu clássico trabalho *Vida e Morte na Psicanálise* (1985: 24/28). No acompanhamento da análise deste comentador, confere-se que Freud concebe o prazer como derivado de uma experiência de satisfação da necessidade mais elementar do homem, a fome:

O que é descrito por Freud é um fenômeno de apoio da pulsão, o fato de a sexualidade nascente apoiar-se num outro processo, ao mesmo tempo similar e profundamente divergente: a pulsão sexual se apoia numa função não sexual, vital ou – como Freud formula em termos que desafiam qualquer comentário – numa “função corporal essencial à vida”.

Na sintaxe de Laplanche, verifica-se uma simetria, para não dizer identidade, entre prazer e sexualidade. Isto aqui não será problematizado. O belo livro de Laplanche dispensa esse esforço. Para os nossos propósitos, basta verificar esta identidade nas palavras de Freud: “Esta é a atividade essencial à vida da criança, a sucção do seio materno ou daquilo que o substitui. [...] a excitação causada pelo afluxo de leite quente provocou o prazer” (1905: 161).

Tudo indica que o prazer decorre da experiência de satisfação nutricional realizada pelo ato de chupar o bico do peito materno. Espontaneamente, este ato se torna independente da sucção do leite quando a criança é amamentada para cumprir um ritual caracterizado pelo ritmo com que qualquer objeto é chupado (peito, mão, dedo do pé, etc.). A fricção que a criança faz no peito usando os lábios, a língua, o movimento rítmico das mandíbulas comprimindo o bico do peito depõem favoravelmente ao reforço da ideia de uma meta que o chupar estabelece para além da função biológica da nutrição. É lógico que o ponto de partida de tudo é biológico. LAPLANCHE inventou até uma teoria para dar conta dessa bricolagem: a *teoria do apoio*. Como mamífero, o modo de o bebê buscar assegurar a vida

é a nutrição. Na matriz, então, há a *pulsão de conservação* sobre o quê tudo o mais é desencadeado⁷.

O que o bebê faz quando, satisfeito, abandona a sucção do leite para somente chupar o bico do peito e, em decorrência disso, usufrui do adormecimento após uma espécie de descarga? É claro que se trata de um prazer obtido sobre uma ação vital. Mas o que efetivamente determina que o ato de chupar o bico do peito na amamentação seja uma ação que indica prazer para a criança?

[...] o que rege a ação de chupar da criança é a busca de um prazer -já vivenciado e agora recordado. Assim, no caso mais simples, a satisfação se obtém mamando ritmicamente uma área da pele ou da mucosa. É fácil coligir também as ocasiões que ofereceram à criança as primeiras experiências desse prazer que agora aspira renovar. Sua primeira atividade, a mais importante para a sua vida, o mamar do peito materno (ou de seus subrogados), a familiarizou com esse prazer. (FREUD: 1897/1990: 164).

O texto é cristalino: o prazer do ato chupar advém do trabalho psíquico da recordação. Uma vez experimentado o prazer, o circuito psíquico que registrou a *vivência de satisfação* (FREUD: 1990: 33) firmar-se-á privilegiadamente para ordenar o trabalho anímico que auffer qualidade aos objetos e às ações afetivas. Em outras palavras: coincidente com o registro da saciedade, o sistema de memória registra com qualidade (conferindo se é bom ou ruim) o sujeito que auxiliou nesta satisfação.

Ancorada inicialmente numa atividade que atende às exigências da sobrevivência, o ato de chupar o bico do peito materno é realizado não porque a fome se reinstalou no organismo (a despeito desse fato óbvio se comprovar na sucessão da vida), mas porque a criança ativa o registro da *vivência de satisfação*, e, ao fazê-lo, privilegia o investimento do complexo de inscrições psíquicas que predicam aquela vivência como prazerosa. A vivência de satisfação, em si mesma, torna-se secundária frente a esse trabalho qualificador do psiquismo, o da predicação. E há que se pensar ainda que a satisfação nutritiva tem um limite e, portanto, um tempo dado de realização. Esse limite-tempo é ultrapassado pelo ato de chupar o bico do peito materno, que se prolonga para além da sucção do leite. Em outros termos, a criança demora no peito porque o exercício lúdico aportado na função nutritiva é fonte de prazer.

Em outros termos: o curso natural de satisfação de um instinto como a fome sofre uma variação, e funciona como suporte de um movimento que se torna independente da função biológica na qual se apoia. Ou ainda: o prazer, inicialmente alavancado na *pulsão de autoconservação* perturba a função biológica, dela se torna independente para logo depois a subsumir.

7. São LAPLANCHE e PONTALIS (1986) que recortam com maior nitidez o conceito de *ANHELUNG* no interior da obra de Freud, por eles traduzido como *APOIO*. Cf. In “Vocabulário...” pp. 66/9. Verbetes *APOIO*.

É justamente essa espécie de desvio da função nutritiva, subrogada por esta outra que é o chupar o bico do peito que determina o prazer. Na sequência o texto complementa:

Diríamos que os lábios da criança se comportam como uma zona erógena e a estimulação do quente fluxo do leite foram a causa da sensação prazerosa. Ao começo, é claro, a satisfação da zona erógena se associou com a satisfação da necessidade de alimentar-se. O caráter sexual se apoia primeiro em uma das funções que servem à conservação da vida e só mais tarde se torna independente dela. Quem olha uma criança saciada adormecer no peito materno com as faces rosadas e um sorriso beatífico, concluirá que este quadro equivale àquele que expressa a satisfação sexual na vida posterior⁸.

A boca, na amamentação, torna-se mais que um órgão responsável pela nutrição. Ela é excitada pela sucção do leite quente, e, no entanto, a fricção causada pela sua passagem do leite, associada a uma ação como o chupar o bico do peito propicia outro tipo de satisfação diverso daquele meramente biológico, nomeada por Freud de *satisfação da zona erógena*. Ora, tal satisfação se destaca daquela fornecida pela função nutritiva, dado que os lábios podem assumir como objeto qualquer outra superfície que não o peito, e mesmo no peito, realizar algo que não o toma como “órgão nutricional”.

Assim, tem-se que a satisfação da zona erógena não tem um objeto sexual predeterminado, mas pode adequar qualquer coisa que responda a essa exigência da fricção que intensifica um desprazer e em decorrência disso promove a busca do prazer, como também sua meta é a demora neste contato que fornece excitação, calor e, portanto, de extensão máxima da excitação que conduz ao prazer.

Alguns indicativos do desenvolvimento biológico mostram que os dois tipos de satisfação em jogo se divorciam na sequência desse início imbricado: com o aparecimento dos dentes, a fonte nutritiva adquire diversificação e, no entanto, a repetição da satisfação e do prazer excitada pelas zonas erógenas torna-se uma exigência. A criança busca muito mais que macerar os alimentos. Ela cola a boca em qualquer objeto, preferencialmente certas partes do próprio corpo para aí exercer a satisfação erótica, ou melhor, auto erótica. Com esta medida, a criança torna o corpo uma superfície erotizada, capaz de lhe fornecer uma satisfação psíquica que se tornou independente da satisfação biológica.

O prazer oral é então o protótipo, o modelo do prazer a partir do qual todos os outros vão se desenrolar. O prazer é, portanto, uma estratégia psíquica para alcançar seus fins: a busca criou a motivação que impelirá o bebê faminto a procurar seu alimento para preservar a sua existência. É a

8. FREUD, S., op. cit., pp. 164/5.

excitação e o registro da supressão da tensão desagradável que vai provocar o prazer.

Buscando a pacificação das carências, a amamentação favorece a harmonia das relações que o bebê mantém com a sua *entourage*, em particular os *sujeitos auxiliares* da satisfação. Nesse sentido, comer representará bem mais que nutrir-se. Representará a experiência mais elementar de estabelecimento de vínculos com aqueles sujeitos que operam a supressão da tensão. Creio ser nesse sentido que BACHELAR lê Freud:

Por muito que se recue nos tempos, o valor gastronômico supera o valor alimentar, e é na alegria e não no trabalho que o homem descobriu o seu espírito. A conquista do supérfluo provoca uma excitação espiritual maior do que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade (1989: 21).

O que estamos enunciando, lendo Freud, é que a alimentação humana é a ação mais carregada de significações para o ordenamento psicoafetivo do sujeito. Nos índices da letra freudiana encontramos a suspeita de um processo de subjetivação que se instala, na ação que se inicia por um adulto acudindo a um bebê em carência e, de outra parte, por um bebê que elabora traços de memória que vão se tornando complexos para o estabelecimento de vínculos duradouros. Em se organizando a guisa da saciedade da fome, e mesmo contra a urgência da nutrição, a função alimentar humana ganha indicadores de complexidade. Ela obedece a três escopos bem delineados na letra freudiana: a meta nutritiva, a hedonista e a simbólica.

Tudo começa pela finalidade nutritiva: comer é uma necessidade vital. O pequeno mamífero-humano recém-nato é lançado à fonte de leite como todos os outros mamíferos. Nessa etapa mais elementar de sua vida, apoiada na nutrição, a afetividade vai progressivamente se desenrolando e se distinguindo do primado da fisiologia, sem a anular, evidentemente. O modo de sua manifestação, o choro, delata a fome como uma força geradora de tensões internas, cujas tensões o próprio bebê não pode resolver. O desprazer advindo dessa tensão é verificado mediante o conceito de *ambivalência*, que sugere que a percepção do bebê acerca do mundo que o cerca e dos objetos que o povoam é hostil e mau, ao mesmo tempo em que é generoso e protetivo. É a experiência de satisfação, sanada a fome, que restaura a harmonia afetiva do bebê com o mundo. A saciedade provoca a quietude interior que, por sua vez, será registrada como prazer. O mundo se torna de novo bom. Concomitantemente à maturação psíquica, a repetição dessas sequências de vivências são acompanhadas da identificação da pessoa que habitualmente é responsável pela satisfação: a mãe ou seus substitutos.

Ao que tudo indica, o que Freud está realizando é uma espécie de genealogia de dois fatos simultâneos ocorridos nos estágios mais primários da vida: a personalidade e a socialização vão se elaborar a partir da sequência

alimentar original. Em termos simples: mamar será a experiência mais elementar da organização psico-afetivo-social. Para o freudismo, a oralidade não se limita aos contornos da boca. Associando-se ao conjunto de sensações táteis, olfativas, sonoras, visuais, gustativas, sinestésicas, o bebê constrói uma percepção qualificada do mundo e dos objetos que lhe povoam (desde o *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud pensa o psiquismo como um conjunto de mecanismos mnemônicos que se articulam: o sistema perceptual, o sistema de atribuição de qualidade ao que se percebe, e o sistema de armazenagem desses dados já ‘elaborados’). Todo esse conjunto de estímulos invade o bebê ao tempo em que ele suga o leite.

A atmosfera afetiva em que se desenvolvem essas trocas (auxílio na supressão das carências X percepção qualificada do valor do sujeito auxiliar) é crucial para o desenvolvimento afetivo ulterior da criança. É o reconhecimento da mãe que vai estabelecer um divisor de águas, do ponto de vista psíquico, para que o bebê represente psicoafetivamente o seu universo familiar, contrastante com o universo que lhe é estranho. Uma vez podendo reconhecer a mãe, sua simples presença será o critério para que a criança ative o circuito mnêmico de prazer, sem que, necessariamente, a nutrição esteja sendo realizada (lembramos da descrição que Freud já realizara da *alucinação*: trata-se de um mecanismo psíquico mediante o qual, com fome e chorando para chamar a atenção do objeto auxiliar, mesmo que este não esteja disponível, o bebê ativa a lembrança armazenada, identificada com o provimento da satisfação-prazer). No curso de sua educação nutricional, criança-mãe descobrirão na nutrição múltiplas possibilidades de prazer. A mãe promoverá a descoberta no bebê que a palavra pode prolongar o prazer original modificando-o, que o prazer de satisfação plena de alimento pode ser substituído pelo estar-com e pelas trocas lúdicas feitas com o outro, objeto de amor privilegiado que é a mãe neste estágio. A partir do momento em que a necessidade alimentar é dimensionada, a criança vai, pouco a pouco, provando do prazer de cada uma das atividades que acompanham sua exploração do mundo, mediante o qual a boca se constitui neste período a ferramenta privilegiada. O prazer gustativo se desprende do prazer nutricional, e se torna um objetivo hedônico em si mesmo.

Pouco a pouco, a sofreguidão com que tomava o peito e a ávida e impaciente relação que a criança possuía nos primeiros meses com o alimento vai dando lugar a um prazer gustativo. Isso ilustra a multiplicidade e complexidade do conjunto de aprendizado alimentar que o bebê vai realizando. Todo o ritual à mesa, a variedade dos alimentos que circulam no dia a dia, fatos que distinguem o comportamento alimentar dos humanos daquele dos animais, torna-se um terreno privilegiado para a aprendizagem social. O convívio será a chave para aprender o prazer de dividir com os outros, um prazer que não se experimenta solitariamente, mas no convívio. A aprendizagem dos modos à mesa, as regras de partilha com um número crescentes de convidados-íntimos é um terreno privilegiado de aprendizagem social.

O símbolo é o que liga vários sujeitos em torno de uma significação comum. As sociedades se organizam em torno dos simbolismos alimentares. O aprendizado das maneiras de estar à mesa de seu grupo de pertença é uma iniciação às regras de partilha e às maneiras de experimentar as relações dos membros do grupo entre si e com o mundo que os envolve. Por exemplo, uma criança que sopra as velas de seu bolo de aniversário, as suas e não as dos outros, compreende que esse ritual marca não somente o tempo que passa para si (os anos que se somam e são representados pelas velas), mas, sobretudo, o lugar singular que ela ocupa no seio da família. Fazendo-lhe medir sua importância aos membros de sua família, esse ritual será importante por desenvolver a autoestima e a confiança em si que poderá caracterizar a sua personalidade adulta.

As refeições em família reúnem os sexos e as gerações, separadas no resto do tempo pelas várias atividades inerentes à vida. Nessas ocasiões, a criança aprende os rituais em vigor no seu nicho de desenvolvimento. A aprendizagem das regras de família a incita no exercício das regras da vida em sociedade. O que parecia ser uma mera experiência diádica (mãe-bebê), na reflexão cultural de Freud, se escande justamente por pensar que seja indissociável dos processos de socialização, como bem o demonstra o mito da horda primitiva elaborada em *Totem e Tabu* (1913).

O prazer de comer não se prescreve nem se ensina. Ele se descobre em família, em partilhando os alimentos com os familiares. Em certo sentido, pensamos que a reflexão de Freud enseje a percepção de que não nascemos prontos, humanizados, sujeitos com identidades perfiladas por completo. Nós nos tornamos sujeitos humanos mediante a educação familiar, cuja gênese é detonada no momento da amamentação. O prazer oral experimentado quando da nutrição no âmbito da família é um fator primordial de pacificação do sujeito com suas tensões, e das tensões inerentes a sua própria organização afetiva. Este prazer ´prepara´ o sujeito para viver a ambivalência emocional. A identificação com os comportamentos parentais é um fator poderoso do desenvolvimento do gosto alimentar.

À guisa de concluir, retomamos as questões que orientam a nossa releitura de certos textos da psicanálise para fazer interface com a área do direito, que na micro área de Direito de Família pensa o estabelecimento de vínculos do seguinte modo: Como aprendemos a ordenar esse rico universo das emoções que costumam se apossar dos seres humanos quando ainda não estão aparelhados com uma série de dispositivos psíquicos que canalizam, distribuem, atenuam a intensidade no curso de suas manifestações? Muito simplesmente: como os bebês se ordenam psiquicamente, quando ainda não aprenderam a manejar a motricidade, e, mais ainda, quando nem sabem como lidar com a vida intensa dos afetos que lhes ocorrem? De que modo registram as presenças viscerais dos pais, nos cuidados mais elementares da subsistência, como na nutrição, por exemplo?

E neste ponto, um realismo quase cruel emerge: trata-se de uma espécie de antropologia que Freud elabora teoricamente a partir de sua experiência clínica: desmistificando um olhar angelical sobre as crianças, confere que, do ponto de vista dos afetos, seria um desastre para o mundo familiar se as crianças, no estado afetivo em que se encontram em tenra idade, tivessem as condições para intervir motoramente no mundo, sobre os pais, sobre os irmãos. Freud empresta de um grande iluminista a concepção que dissolve qualquer pretensão de transformar os bebês em seres angélicos. Cita ele, em três de suas obras, uma consagrada reflexão de Denis Diderot:

Se o pequeno selvagem fosse abandonado a si mesmo, conservasse toda a sua imbecilidade e a somasse com a escassa razão de uma criança sob influência da violência das paixões de um homem trinta anos, torceria o pescoço do pai e dormiria com sua mãe (Apud FREUD, 1917; 1931; 1940).

Uma evidente evocação do *Complexo de Édipo*, categoria que indica as figuras familiares elementares, os pais, indispensáveis na estruturação do sujeito. Desde a amamentação assistimos, no texto freudiano, a uma crescente problematização do outro como figura anterior ao *eu* e condição de possibilidade de estruturação deste último. Nossa exploração nesse ensaio se deu em torno da amamentação, privilegiando o vetor que coloca como relativos íntimos filho e mãe. Mas essa é uma parte da questão. A outra, a presença do pai, demanda uma outra reflexão futura. Para os nossos propósitos é satisfatório indicar a presença do pai como mediadora da substituição da permanência no peito, para a tomada de lugar à mesa. E a razão é bem simples: a mãe, doadora do peito, não interroga o outro sobre sua responsabilidade, não dirige nenhuma questão que possibilite o reconhecimento do outro enquanto uma alteridade. O peito, objeto primeiro de instalação dos mecanismos vinculadores, parece imediatamente conatural ao desejo. Com ele, diz Freud, o bebê alucina, porque o percebe como objeto contíguo ao surgimento do desejo.

A possibilidade da relação com a alteridade nasce com o rompimento da íntima relação com o seio, pois é com essa perda que o bebê se dá conta de sua fragilidade. Enquanto saciado nessa extensão do seu desejo, o peito, o poder do desejo se coloca imperativamente. Não é à toa, uma vez mais, que a criança alucina.

A solidão de um desejeante representa o primeiro indício da possibilidade de reconhecimento da alteridade. A mãe não é extensão do desejo. E na sequência chega o pai, que, antes de ser pai, é marido da mãe. Esta é uma percepção imensamente angustiante para o bebê, reforçada pela dependência.

O abandono da mãe, como outro auxiliar, possibilita ao sujeito fantasiar os primeiros traços de um outro, de quem reconhece dependência. Não ao acaso o bebê vai compor rudimentos de linguagem para se comunicar com ele.

Nas obras de Freud não há vestígios de um pensador do século XIX, cuja reflexão “cai como uma luva” nessa sua perspectiva para pensar colo e mesa, leite e alimentos substitutivos dele, relação diádica para relação triádica. Falo de Kierkegaard, na evocação solene que realiza da amamentação em seu *Temor e Tremor*:

Quando chega o tempo do desmame, a mãe enegrece o seio, porque manter o seu atrativo será prejudicial ao filho que o deve abandonar. Assim ele acredita que a mãe mudou, embora o coração dela continue firme e o olhar conserve a mesma ternura e amor. Feliz aquele que não tem de recorrer a meios ainda mais terríveis para desmamar o seu filho! (1979, p. 114).

O esforço por rastrear os momentos textuais nos quais Freud pensa a gênese da vinculação do bebê com o mundo adulto quer ser mais um fragmento aditado ao belo mosaico composto acerca de como a lei pensa e assegura a existência da família como instituição primária, tendo o afeto como o elemento mais elementar de sua sustentação. No fundo queremos sustentar que o afeto está na base de todo processo de humanização. E o núcleo familiar (não necessariamente a família nuclear) é o espaço privilegiado dessa ocorrência, seguramente uma das mais significativas da experiência humana.

Em Freud, o modo de acolhimento que os personagens dos arranjos familiares fazem: a paciente tarefa do cultivo do afeto, à guisa da supressão das necessidades mais elementares é a *conditio sine qua non* e a *conditio per quam* é possível o delineamento da subjetividade. Em termos diretos: torna-se viável o humano se humanizar.

REFERÊNCIAS

-----"A *sexualidade na etiologia das neuroses*" [Cidade], SE. Vol. III. (1990)

-----Elaborações temáticas: sedução, perseguição, revelação, **Rev. Bras. de Psicanálise**. (1993).

-----"Epistolário". Madrid: Biblioteca Nueva. (1963).

-----"Fantasias originárias, origem das fantasias e fantasias das origens". [Cidade]: Zahar Ed. (1988).

-----"Freud, racionalidade, sentido e referência" Tese (Livre Docência), Unicamp, [Cidade], (1994).

-----"La sexualidad". [Cidade]: Ed. Nueva Visión. (1988).

-----"Projeto para uma psicologia científica". (1895) Tradução: Gabbi Jr., O. F. [Cidade]:

-----"Psicanálise, judaísmo: ressonâncias". [Cidade]: Ed. Escuta. (1987).

-----"Três Ensaios sobre a teoria sexual". [Cidade]: SE Vol. VII. (1990)

-----"Esquema de psicanálise" [Cidade]: SE Vol. XXIII. (1990)

-----"21a. Conferência: Desenvolvimento libidinal e organizações sexuais" [Cidade]: SE Vol. XVI. (1990)

-----"Freud, the mind of the moralist" 3a. [Cidade]: Ed. Chicago University Press (1979).

-----"Sociedade contra natureza" [Cidade]: Ed. Vozes (1975).

-----"Totem e tabu" SE Vol. XIII. [Cidade]: Amorrortu Ed. (1990).

-----"Vida e Morte na Psicanálise", [Cidade]: Artes Médicas Ed. 1985.

BACHELARD "A psicanálise do fogo" [Cidade]: P. Litoral Edições (1989).

BATEILLE, G. "O erotismo". [Cidade]: L e PM Ed. (1987).

BETTELHEIM, B. "Freud e a alma humana". [Cidade]: Ed. Cultrix (1984).

BRAGA, J.C.O., *Do interesse da psicanálise para o direito na contemporaneidade. In: Estudos Contemporâneos da Subjetividade - ECOS*, v. 3, n. 1, [Cidade], 2003.

CALDERÓN, R.L., *Princípio da afetividade no direito de família. In: Revista Brasileira de Direito das Famílias e Sucessões*. Ano XV, v. 35, ago./set. 2013. Porto Alegre: Magister.

FERREIRA, B.M.V., ESPOLADOR, R.C.R.T., *O papel do afeto na formação das famílias recompostas no Brasil. In: DIAS, Maria Berenice, BASTOS, Eliene Ferreira, MORAES, Naime Márcio Martins (coords.). Afeto e estruturas familiares*. Belo Horizonte: Del Rey, 2010.

FORRESTER, J. - "A linguagem nas origens da psicanálise". [Cidade]: Imago Ed. Ltda.(1983).

FREUD, S. "A *moral sexual cultural e o nervosismo moderno*" SE. Vol. III. [Cidade]: (1990)

FROMM, E. "A *missão de Freud*". [Cidade]: Zahar Ed. (1989).

GABBI Jr., O. F. "A *origem da moral em psicanálise*". In Cadernos de História e Filosofia da Ciência. Série 3. Vol. 1. N.2. Unicamp - Julho/Dezembro (1991).

GAY, P. "Freud, *uma vida para o nosso tempo*". [Cidade]: Cia das Letras. (1989)

GROENINGA, G.C.; PEREIRA, R.C. (Coord.). *Direito de Família e Psicanálise: Rumo a uma Nova Epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

IMBASCIATI, A. (1998) *Afeto e representação*. São Paulo: Editora 34.

JONES, E. "A *Vida e a obra de Sigmund Freud*" Vols. I, II e III. [Cidade]: Imago ED. (1989).

KAUFMANN, P. "Freud e a *teoria da cultura*". In: História da Filosofia: Ideias e Doutrinas. Vol. 8. [Cidade]: Zahar Ed. (1974).

KIERKEGAARD, S.A. *Temor e tremor*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LAPLANCHE, J. "Vocabulário de *psicanálise*". [Cidade]: Martins Fontes Ed. (1986).

MARCUSE, H. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. [Cidade]: Zahar Ed. (1981).

MASSON, J. M. "A *correspondência completa de Freud a Fliess*" [Cidade]: Imago Ed. Ltda. (1986).

MASSON, J.F. "Atentado à *verdade*". [Cidade]: Ed. José Olympio. (1984).

MENEZES, J.E.X. *Fábrica de deuses: a teoria freudiana da cultura*. São Paulo: Unimarco, 2000.

MEZAN, R. "Freud, *o pensador da cultura*". [Cidade]: Ed. Brasiliense (1985).

MONZANI, L. R. "Freud, *o movimento de um pensamento*". [Cidade]: Ed. Unicamp. (1989).

MOSCOVICI, S. "A *máquina de fazer deuses*" [Cidade]: Imago Ed. (1990).

- RICOUER, P. "*Da interpretação*". [Cidade]: Imago Ed. (1977)
- RIEFF, P. "*Freud, o triunfo da terapêutica*" [Cidade]: Ed. Brasiliense. (1990)
- ROITH, E. "*O enigma de Freud: Influências judaicas em sua teoria sobre a sexualidade feminina*". [Cidade]: Imago Ed. (1989).
- ROUDINESCO, E. "*Os 100 anos de psicanálise na França*" Vol. I. [Cidade]: Jorge Zahar Ed. (1989).
- VIEIRA, M.A. (2001) *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. R.J: Jorge Zahar Ed.
- WALLACE, E., *Freud and anthropology*. International Universities Press, INC. New York (1983).
- ZIMERMAN, D., COLTRO, A.CM. (Coord.) *Aspectos psicológicos na prática jurídica*. Campinas: Millennium, 2002.